

Clarice Lispector e o romance^{*}

MANUEL ARRANZ^{*}

Tradução: Roxana Guadalupe Herrera Alvarez^{**}

RESUMO: Neste trabalho, analisamos a criação romanesca de Clarice Lispector, observando a relação entre os temas característicos da poética clariciana e a pesquisa formal empreendida pela escritora. Serão objetos privilegiados de nossa reflexão os romances: *Um sopro de vida* (Pulsações); *A paixão segundo G. H.*; *A hora da estrela*; *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Escrita; Forma; Linguagem; Romance.

ABSTRACT: This article studies the novel creation process of Clarice Lispector, observing the connection between the main themes in Clarice's work, and the formal research done by the author. The following novels support our reflections: *A Breath of Life: Pulses*; *The Passion According to G. H.*; *The Hour of the Star*; *An Apprenticeship or The Book of Delights*.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Form; Language; Novel; Writing.

* N.EE.: Texto originalmente publicado na *Revista Turia* (nº 58, 2001 - ISSN: 0213-4373), publicação do Instituto de Estudios Turolenses de la Diputación Provincial de Teruel, com patrocínio de Ayuntamiento de Teruel y Gobierno de Aragón. O link para acesso ao site da revista é: < http://www.ieturolenses.org/revista_turia/>. Para a presente publicação, foram identificadas todas as referências às citações dos romances de Clarice Lispector.

* Licenciado em Filologia pela Universidade de Valência. Tradutor e crítico literário. Colaborador habitual de revistas culturais como *Archipiélago*, *Claves de Razón Práctica*, *Letras Libres*, *Revista de Occidente*, *Turia*. Traduziu, dentre outras, obras de Georges Bataille, Maurice Blanchot, Jacques Derrida, Antoine Compagnon, Rousseau. E-mail: arranz_man@gva.es

* Departamento de Letras Modernas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – IBILCE/UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. E-mail: roxana@ibilce.unesp.br

Escrever – eu arranco as coisas de mim aos pedaços como o arpão fisga a baleia e lhe estraçalha a carne...

Um sopro de vida, p. 99 – Clarice Lispector

Um código e um enigma

Tudo é uma maneira de falar. O romance é uma reflexão. Conta uma história, porém, é uma reflexão e não naturalmente sobre a história que conta, como também não pode se dizer que seja a história de uma reflexão, nem sequer no caso de Clarice Lispector, caso no qual essa definição não estaria de todo errada. O romance é uma reflexão sobre a forma, e sobre os limites da forma. E “É preciso coragem para me aventurar numa tentativa de concretização do que sinto.” (LISPECTOR, 1990, p. 24). Porque só através da forma podemos chegar a entender-nos. E, no entanto, o que se sente quase nunca se entende, daí a dificuldade da forma, e daí também sua urgência.

Uma das coisas de que se sente falta no romance moderno é que tenha pensamento, ou filosofia, para dizê-lo com as palavras de Henry James, para ele essa era uma das suas condições indispensáveis. Um romance sem ideias, sem pensamento, sem filosofia não é, portanto, um romance propriamente dito. Talvez por isso não perdure nos dias de hoje nenhum deles. Pois bem, nos romances de Clarice Lispector há toneladas de pensamento, há pensamento em cada uma de suas páginas. Não é um pensamento elaborado, não é um pensamento lógico, mas essa classe de pensamento que nos leva a nos fazer-nos perguntas, umas perguntas que levam, no seu íntimo, como se fosse um ovo, diria talvez Clarice Lispector, outras perguntas que por sua vez contêm outras perguntas e assim sucessivamente. De modo que a imagem se impõe por si só, pensar é como ir quebrando ovos.

Clarice Lispector escreveu romances. Tinha até um método próprio para escrevê-los. Ia anotando em folhas de papel impressões, ideias, coisas que lhe aconteciam e coisas que imaginava, frases soltas aparentemente sem nexos nenhum entre elas; “uma ou outra frase se salva das trevas e sobe leve e volátil à minha superfície: então anoto aqui”. (LISPECTOR, 1978a, p. 86); e um dia o romance estava lá dentro, não havia mais que trazê-lo para fora, dar-lhe uma forma, pois “Uma forma contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa” (LISPECTOR, 1990, p. 18). Uma forma encerra um sentido que pugna em sair à superfície. Mas deve-se deixar que a forma encontre sua forma e o sentido, seu sentido, que muitas vezes é simplesmente o sem-sentido nu de tudo o que criamos que tinha um sentido: “O não sentido das coisas me faz ter um sorriso de complacência.” (LISPECTOR, 1978a, p. 11). O que significa escrever para nada e para ninguém. Ou escrever sobre o nada, “esse nada é o melhor personagem de um romance.” (LISPECTOR, 1978a, p. 124). Escrever por fatalidade, ou o que é o mesmo “Eu escrevo porque preciso.” (LISPECTOR, 1978a, p. 94) como ela mesma escreveu. E, no entanto, “Não tenho uma palavra a dizer. (LISPECTOR, 1990, p. 24). Uma frase que encontramos repetida ao longo dos seus livros, de seus romances. “Por que não me calo, então?” (LISPECTOR, 1990, p. 24) . Mas é que se calar, quando se

é escritor, não é a consequência de não ter nada a dizer. Mais ainda, um escritor escreve porque não tem nada a dizer, e apesar de não ter nada a dizer. Não há nenhum paradoxo nisso. Pois, quem precisa escrever romances? Quem precisa inventar personagens e tramas verossímeis ou inverossímeis?

Os limites da forma

O romancista é um escritor profissional, um artesão, um grande artesão, mesmo um artista em ocasiões, com um plano elaborado, meditado, minucioso do que vai escrever e do efeito que quer produzir no leitor. O romancista calcula os efeitos e distribui ao longo da obra pontos de apoio, pistas, isto é, pontos que servem para apoiar a leitura e nos quais, ao mesmo tempo, se apoia a história que se escreve. Cada nova obra confirma a anterior e confirma ao mesmo tempo o seu autor. Nada ou quase nada disso há em Clarice Lispector. Clarice Lispector pertence a essa classe de escritores que nunca sabem de antemão o que vão escrever. Mais do que um plano da obra, têm uma ideia da obra. E essas obras, que quase nunca se sabe como vão acabar e que quase sempre começaram muito antes que o autor fosse consciente delas, essas obras, em ocasiões, são romances, romances que voltam a inventar o gênero, algo como quando descobrimos algo que já sabíamos, mas que não sabíamos que sabíamos. E se no caso dos romancistas profissionais deve-se falar de vocação, no de Clarice Lispector deve-se falar de dom: “Só tive a facilidade dos dons, e não o espanto das vocações” (LISPECTOR, 1990, p. 33).

Clarice Lispector, em cada novo romance, reinventa o gênero. “não tenho guia.” (1990, p. 24) diz em *A paixão segundo G. H.* “O relato de outros viajantes poucos fatos me oferecem a respeito da viagem: todas as informações são terrivelmente incompletas.” (LISPECTOR, 1990, p. 24). E então inicia uma viagem a lugar nenhum por caminhos também desconhecidos em companhia do leitor, desse leitor, como queria Clarice Lispector para seus livros “de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar.” (LISPECTOR, 1990, p. 13). “Cada novo livro é uma viagem. Só que é uma viagem de olhos vendados em mares nunca dantes revelados” (LISPECTOR, 1978a, p. 15). *A paixão segundo G. H.*, mas também seus outros grandes romances, inicia-se com um prelúdio que, como os prelúdios musicais, não preludia nada, inicia-se antes de ter começado com umas reticências (*Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* começa com uma vírgula¹) e se demora nos inícios, ganhando tempo, a autora diz, antes de se atrever, finalmente, a falar, finalmente a entrar, a liberar a passagem em direção a esse vazio habitado que é esse livro ou, dito com suas próprias palavras, a sair do nosso mundo e entrar no mundo. Desse modo, seus romances não começam, mas terminam realmente seus romances? Têm um final? Seus livros são perguntas para as que a autora não encontrou resposta. Talvez o leitor a encontre,

1 N. T.: “, estando tão ocupada, viera das compras de casa que a empregada fizera às pressas [...]” (LISPECTOR, 1978b, p. 09).

diz-nos. Mas, pese a tudo, os livros de Clarice Lispector produzem um particular estado de alegria, de uma alegria desconhecida, como diz a autora, uma alegria que não nos é familiar, sem redenção e sem esperança, mas alegria enfim.

“Estou pedindo socorro”

A paixão segundo G.H é um grito de socorro no deserto. “Eu sabia que tinha de admitir o perigo em que eu estava, mesmo consciente de que era loucura acreditar num perigo inteiramente inexistente.” (LISPECTOR, 1990, p. 55). Um grito abafado de socorro que se concentra nessa hora de viver “tão infernalmente inexpressiva” (LISPECTOR, 1990, p. 83) que é sempre nosso agora mais iminente e mais imediato. Comparamos seus romances a um prelúdio que não preludia nada, mas talvez seja mais exato compará-las a um oratório em que as preces sucedem as preces. As preces são gritos silenciosos.

Clarice Lispector sente pânico diante da desorganização vital da existência, mas sabe, ao mesmo tempo, que essa desorganização é necessária, pois é o mais humano do humano que há no homem, do mesmo modo que a organização, a segurança, a lei é o mais inumano e paradoxalmente o melhor que há no homem: “é que o inumano é o melhor nosso” (LISPECTOR, 1990, p. 73) no sentido de que nos protege de nós. Desse modo, desorganizar-se para se reorganizar de novo. Perder-se para voltar a se encontrar.

O problema moral

“Seria simplório pensar que o problema moral em relação aos outros consiste em agir como se deveria agir, e o problema moral consigo mesmo é conseguir sentir o que se deveria sentir?” (LISPECTOR, 1990, p. 24). Para Clarice Lispector não há dúvida de que escrever é um problema moral, ou se se prefere, de que escrever suscita um problema moral.

Os romances de Clarice Lispector não escaparam à interpretação, até parece que se prestaram a ela melhor do que outros. Suas belíssimas imagens, suas feíssimas imagens (“nunca até hoje temi tão pouco a falta de bom-gosto [...] perdi o medo do feio.”) (LISPECTOR, 1990, p. 24-25), suas surpreendentes metáforas, suas metamorfoses, tudo têm sido pasto da voracidade hermenêutica empenhada, no seu delírio interpretativo, em explicar o que representa ou o que simboliza uma barata. Para o que o melhor comentário continua sendo o da própria Clarice Lispector, transmitido pela sua amiga e também escritora Nélida Piñón: “À tarde, fomos ao auditório da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Depois de um intenso debate estético entre dois proeminentes teóricos, Clarice Lispector se levantou da cadeira furiosa, instando-me a segui-la. Lá fora, entre o arvoredo do parque, dirigimo-nos até a cantina. Transmitiu-me, então, o seguinte recado, com sabor de café e de indignação: – Diga a eles que se eu tivesse entendido uma só palavra de tudo o que disseram, eu nunca teria escrito nem uma linha só de todos os meus livros” (PIÑÓN, 2005, s/p). De resto, quando nos

perguntamos o que é que o autor quis dizer, é que somos incapazes de entender o *que* diz. Os autores como Clarice Lispector não *querem dizer, dizem*, e o que dizem sempre é o que querem dizer: “Ah, estou sendo tão direta que chego a parecer simbólica.” (LISPECTOR, 1990, p. 140).

Disse-se também que na vida de Clarice Lispector não há acontecimentos suficientes para escrever uma biografia. Absurdo. O mesmo poderia ser dito de seus romances. Neles, quase não há acontecimentos, ou esses são mínimos acontecimentos cotidianos, nos quais, talvez outra pessoa não tivesse reparado. E, no entanto, seus romances, nos quais não se pode dizer que aconteçam grandes coisas, impressionam da primeira à última frase, não se pode ficar indiferente a eles, e não é fácil falar deles. E pela mesma razão que, como escreve Clarice Lispector em *A paixão segundo G. H.*, a revelação do enigma é o enigma mesmo, o segredo da força era a força e o segredo do amor era o amor, o segredo de seus romances são seus romances.

Um sopro da vida

O último livro de Clarice Lispector é *Um sopro de vida*. Ao mesmo tempo, finalizava seu outro romance *A hora da estrela*, que junto com *A paixão segundo G. H.* formam uma espécie de estranha trilogia numinosa e deslumbrante. Na dedicatória de *A hora da estrela*, Clarice Lispector nos presenteia com algumas pistas sobre sua vida, sobre quem ela foi, quem era e quem chegou a ser, hoje, para nós. O livro está dedicado a uns quantos compositores e a si mesma: “à cor rubra muito escarlata [...] a meu sangue [...] aos gnomos, anões, sílfides e ninfas que me habitam a vida [...] à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta.” (LISPECTOR, 1981, p. 07). E em relação aos compositores: “ao antigo Schumann e sua doce Clara que são hoje ossos [...] à tempestade de Beethoven. À vibração das cores neutras de Bach. A Chopin que me amolece os ossos.” (LISPECTOR, 1981, p. 07). E em seguida começa a história. Mas voltemos um momento a *Um sopro de vida*. De que trata *Um sopro de vida*? De que tratam os outros romances de Clarice Lispector? De tudo e de nada. Fundamentalmente de nada: “Meditação leve e terna sobre o nada.” (LISPECTOR, 1978a, p. 13). Tratam do tempo que, como é sabido, não existe, tratam do amor, que ainda que exista, ninguém chega a encontrá-lo, tratam da morte, o único que existe de verdade, mas também o único sobre o que não podemos dizer nada. Meu símbolo é o amor.” (LISPECTOR, 1978a, p. 48). Para ser feliz faz falta coragem, “Pouca gente tem coragem” (LISPECTOR, 1978a, p. 150), “Pessoa feliz é quem aceitou a morte.” (LISPECTOR, 1978a, p. 150) e eu “Tenho tal tendência à felicidade.” (LISPECTOR, 1978a, p. 46) escreveu. “Tenho medo de escrever. É tão perigoso.” (LISPECTOR, 1978a, p. 13), escrevia Clarice Lispector em seu último livro. Porque escrever é uma indagação, e nunca sabemos o que vamos encontrar. O certo é que quando abrimos seus livros pela primeira vez, também não sabemos o que vamos encontrar neles.

Clarice Lispector escreve em estado de graça, “Escrevo muito simples e muito nu. Por

isso fere.” (LISPECTOR, 1978a, p. 14) mas “Se alguém me ler será por conta própria e auto-risco.” (LISPECTOR, 1978a, p. 15). Clarice Lispector diz em seus romances tudo o que há para dizer de seus romances, sua matéria-prima são suas limitações, a inspiração, as personagens: “A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível.” (LISPECTOR, 1990, p. 180). Seus livros estão feitos de fragmentos reunidos², de trechos, de retalhos, de restos, de lascas, como a vida mesma, que são outros tantos instantes traduzidos em palavras, ou, no caso dela, são as palavras que traduzem esses instantes: “Eu queria escrever luxuoso. Usar palavras que rebrilhassem molhadas e fossem peregrinas. Às vezes solenes em púrpura, às vezes abismais esmeraldas, às vezes leves na mais fina macia seda rendilhada. Queria escrever frases que me extradissem, frases soltas [...]” (LISPECTOR, 1978a, p. 110). E finalmente esses livros, esses romances, que estão feitos da vida irreal do autor e as personagens, sem esquecer que nos romances de Clarice Lispector o leitor é um personagem a mais, ainda que só seja o personagem do leitor, finalmente esses romances acabarão sendo a única coisa real: “O que imagino é real” (LISPECTOR, 1978a, p. 27). E se a autora ilumina o caminho, nunca é para evitar que o leitor se perca, mas ao contrário, para provocar nele um deslumbramento, uma miragem, uma alucinação e assegurar desse modo que se perca definitivamente. As personagens desses livros são construídos no futuro, isto é, não têm passado ou não se lembram dele, o que vem a ser a mesma coisa, têm só futuro como a própria autora, assim como os leitores, ou dito de outro modo, seu futuro é seu passado, seu futuro está no seu passado e vice-versa: “O futuro é um passado que ainda não se realizou.” (LISPECTOR, 1978a, p. 50).

“Paciência, pois os frutos serão surpreendentes”

Escolher sempre um caminho sem saída, como parecia ser no caso dela, não era uma fatalidade, era um destino. Só os caminhos sem saída são percorridos nos dois sentidos. Dos caminhos sem saída se sai por onde se entrou, como dos labirintos. Os livros de Clarice Lispector são caminhos sem saída, mas não se passa através deles impunemente. Em cada livro, Clarice Lispector começa de novo a aventura de escrever, começa a partir do nada, a partir de zero como se costuma dizer: “O know-how eu tenho que por de lado.” (LISPECTOR, 1978a, p. 70), “Escrevo sem modelos.” (LISPECTOR, 1978a, p. 81). São livros densos, mas de uma densidade leve, volátil, fugidia, de múltiplas facetas lapidadas com uma paciência infinita em diamante puro.

Clarice Lispector gostava de joias, das joias autênticas, em suas fotografias costuma

2 N. T.: No original: “Sus libros están hechos de fragmentos ensamblados”, ou seja: os livros são feitos de fragmentos reunidos mediante um processo de composição semelhante ao da *assemblage*, que se caracteriza pela reunião e colagem/montagem de elementos heteróclitos para a composição de uma obra de arte.

levar joias, colares, anéis, brincos, era uma mulher formosa, tinha mãos formosas das que ela sentia muito orgulho. De Chirico, assim que a viu, pintou um retrato dela. Nesse momento tinha só vinte e quatro anos. Com a idade, como acontece com certas mulheres, foi ficando cada vez mais bela. Deve-se desconfiar das mulheres que não gostam de joias e de perfumes. Como dos homens que não bebem. Em seus livros também há joias, descrições de joias, às vezes são metáforas, e outras vezes são pura e simplesmente descrições de joias, como descreve outras muitas coisas, um armário, um relógio, uma caixinha de prata, um telefone, uma chaleira, uma grade de ferro. As coisas têm um importante papel nos romances de Clarice Lispector, talvez mais do que os fatos. As coisas são reais, os fatos, não: “Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade.” (LISPECTOR, 1990, p. 25).

Em *Um sopro de vida*, a personagem do autor inventa, por sua vez, uma personagem, Ângela, como se disséssemos um alter ego de Clarice Lispector, que é a autora do livro. Nesse livro há, portanto, um autor que é, ao mesmo tempo, a personagem da autora, e uma autora que é a personagem da personagem do autor. E esse personagem-autor descreve a personagem-autora (Ângela) tal e como imaginamos a própria Clarice Lispector: “Ângela tem em si água e deserto, povoamento e ermo, fartura e carência, medo e desafio. Tem em si a eloquência e a absurda mudez, a surpresa e a antiguidade, o requinte e a rudeza. Ela é barroca.” (LISPECTOR, 1978a, p. 28). Clarice Lispector é barroca, sem sombra de dúvida, seus livros são barrocos: “O pior é que sou vice-versa e em ziguezague.” (LISPECTOR, 1978a, p. 130). Há frase mais barroca, mais impossível? E em relação ao estilo, “quanto menos estilo se tiver, mais pura sai a nua palavra.” (LISPECTOR, 1978a, p. 15), e essa pureza, essa depuração da palavra é o que busca Clarice Lispector em seus livros, escrever com simplicidade, pensar com simplicidade, viver com simplicidade, cercada de cores, de notas musicais, de imagens fulgurantes, de céu, de estrelas, de chuva, mas também da fumaça dos cigarros –Clarice Lispector queimou uma das suas preciosas mãos, das que tinha tanto orgulho, a direita, num incêndio que ela mesma provocou quando caiu no sono com um cigarro aceso– e de nervos, televisores, sangue, petróleo, e tudo isso intercalado e simultâneo com pedras preciosas, coral, cascatas ou topázios: “Simultaneidade no trabalho criativo vem do aprofundamento” (LISPECTOR, 1978a, p. 15).

Tudo começou com um sim

“Tudo no mundo começou com um sim.” (LISPECTOR, 1981, p. 15), assim começa *A hora da estrela*. Evidentemente, também a leitura começa com um sim, e a forma de terminar o romance é também um *Sim*. Clarice Lispector quer nos dizer com isso que quando o romance acaba algo começa? Queira ela ou não dizer isso, não há dúvida de que algo começa. Os finais sempre são o início de algo. Na verdade, poder-se-ia dizer mesmo que o princípio do novo precede o final do velho, supondo que seja o velho o que termina e não, como parece mesmo mais provável, ao contrário: termina o novo e começa o velho. Ou melhor ainda: “nada se começa. É isso: só quando o homem toma conhecimento através do seu rude olhar é que lhe

parece um começo” (LISPECTOR, 1978a, p. 28).

Dissemos que Clarice Lispector escreve por necessidade. Mas também escreve por obrigação, e por dever, como o relato da nordestina (*A hora da estrela*). Clarice Lispector sente aqui o dever de inventar uma vida que não existe, mas que é verdadeira, mesmo mais verdadeira que se existisse, que se tivesse existido, e que agora, uma vez escrita, existe e existirá para sempre. Não é que Clarice Lispector escreve uma historia que poderia ter acontecido, que poderia ter acontecido conosco. Todos levamos a história escrita na face, a história passada, mas sobretudo a história futura. Só é preciso saber ler, “quando se presta atenção a cara diz quase tudo.” (LISPECTOR, 1981, p. 69). A história está acontecendo enquanto se narra.

Clarice Lispector em *A hora da estrela*, mas também em outros romances seus, não narra os fatos, mas narra a narração dos fatos. Por isso seus romances são tão transparentes, estão nus e ao mesmo tempo são tão misteriosos. Não creio que narrar dessa forma seja o resultado de um método, não creio que Clarice Lispector tivesse um método ao escrever. Esforço sim, trabalho, depuração, mas não método: “Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho.” (LISPECTOR, 1981, p. 15) e “Verifico que escrevo de ouvido” (LISPECTOR, 1981, p. 24). A autora vai, então, fornecendo informações, ainda que a história não precise delas. De resto, não são informações sobre a história, mas sobre *por que* essa história é escrita e *o que* escreve essa história. Por exemplo, *A hora da estrela* é um grito à vida. Nos livros de Clarice Lispector há, com frequência, gritos, não são gritos estridentes, em geral são mudos, inaudíveis mesmo, o que é quase a mesma coisa porque tudo começou com um grito.

E porque “pensar é um ato, [escrever] é um fato” (LISPECTOR, 1981, p. 15)³, e só ler é um ato e um fato ao mesmo tempo, isto é, pensar e sentir ao mesmo tempo.

ARRANZ, M. Clarice Lispector and the Novel. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 59–67, 2015.

Referências utilizadas na tradução:

ARRANZ, M. Clarice Lispector e o romance. *Teruel*: Instituto de Estudios Turolenses de la Diputación Provincial de Teruel, n. 58, p. 175-183, 2011.

LISPECTOR, C. *Um sopro de vida* (Pulsações). 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1978a.

_____. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978b.

3 N. T.: Em *A hora da estrela*: “Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo.” (LISPECTOR, 1981, p. 15). O autor fez uma alteração, inserindo “escrever” no lugar de “sentir”.